



# Humanos e outros seres vivos: prefácio para edição especial

Eliane Sebeika Rapchan\* e Fagner Carniel

Universidade Estadual de Maringá, avenida colombo, 5790, 87020-900, Maringá, Paraná, Brasil. \*Autor para correspondência. E-mail: [esrapchan@gmail.com](mailto:esrapchan@gmail.com)

**RESUMO.** Prefácio para edição especial da *Revista Acta Scientiarum. Human and Social Sciences* que tematiza as relações entre humanos e outros seres vivos.

**Palavras-chave:** antropocentrismo; humanidades ambientais; cultura e natureza.

## Humans and other living beings: Foreword for special edition

**ABSTRACT.** Foreword for the Special Edition of *Acta Scientiarum. Human and Social Sciences* journal which focuses on the relationships between humans and other living beings.

**Keywords:** Anthropocentrism; environmental humanities; culture and nature.

### Apresentação

Nas últimas décadas, o estudo das relações entre humanos e outros seres vivos conquistou significativo espaço, destaque e densidade na produção empírica e teórica nos campos da antropologia, das artes, da filosofia, da historiografia, da literatura e da sociologia. Isso indica que, tanto no Brasil quanto no exterior, cada vez mais pesquisadoras e pesquisadores que atuam em campos vinculados às humanidades, ao definir os parâmetros e as perguntas que orientam suas pesquisas, têm expandido seu olhar sobre as relações humanas em direção às múltiplas possibilidades de produção do conhecimento que atravessam os domínios modernos da cultura e da natureza. Desse modo, diálogos emergentes com a “questão animal”, com a “virada vegetal”, assim como uma crescente sensibilidade para a presença de diversos outros seres, entes e agentes em nossos tecidos sociais, estão desafiando os limites estabelecidos pelo antropocentrismo e pelo especismo na análise do social e têm procurado oferecer outras maneiras de interpretar e atuar no mundo.

Trata-se, entre outras coisas, de um movimento intelectual amplo e multidisciplinar que oferece caminhos para a compreensão das complexas relações ambientais, biopolíticas, éticas, materiais, simbólicas e societárias que envolvem reconhecer os entrelaçamentos das coletividades humanas com outras entidades, considerando-as alteridades possíveis, presentes e legítimas. Ao deslocar o humano da posição central e polar das reflexões em ciências humanas, esse movimento também pode ser percebido como anti-anthropocêntrico e anti-narcísico (Castro 2018; Corrêa & Baltar 2020). Um gesto sensível às ontologias que hoje percebemos como distintas daquelas que fundaram o pensamento científico ocidental, pois projeta-se sobre as relações entre humanos e outros seres vivos, disposto a dialogar com as ruínas do nosso tempo (Tsing 2022).

Nesse sentido, dispor-se a pensar sobre as aparentes transgressões ou contradições que misturam as fronteiras entre o humano, os outros seres, outros entes e a natureza, representa ao mesmo tempo uma abertura ao mundo e uma crítica ao antropoceno por vias mais inventivas e menos ortodoxas (Haraway 2016). Por isso mesmo, trata-se de um gesto que detém o potencial de oferecer conteúdo empírico às potências das cosmologias e das relações interespecies que transbordam do esperado pelas normas do racionalismo positivista (Marras, 2014). Assim, quem sabe, possamos cultivar habilidades coletivas que nos ajudem a combater as múltiplas formas de colonização da vida (Ferwerda 2024; Rapchan & Carniel 2020) e promover outras possibilidades de justiça epistêmica (Ferdinand 2022; Ogone 2017).

Tal movimento intelectual parece portar ao menos três tendências gerais: enseja um convite às nossas parceiras e parceiros do fazer etnográfico para compartilhar o conhecimento dos povos invisibilizados e marginalizados pelas atuais estruturas de poder e de saber; explicita relações inter-espécie negadas ou inviabilizadas pelos modelos de racionalidade ocidentais; e busca inspiração em repertórios contra hegemônicos para imaginarmos e construirmos outros mundos.

Encontramos todas essas tendências representadas nesta Edição Especial, ao reunir trabalhos produzidos a partir contextos empíricos e institucionais que expressam as mais diversas regiões do Brasil. Somam-se a esses trabalhos contribuições de pesquisadoras e pesquisadores ibéricos, situados na Catalunha, na Espanha e em Portugal. Em seu conjunto, os textos também abordam contextos urbanos, rurais, quilombolas e indígenas, além de diálogos com a poesia, com a ontologia, com o simbolismo, com a linguagem e com a imaginação. Desse modo, são trabalhos que também expressam transversalidades frente a temas relacionados a raça, saúde, território e paisagem, ética, economia política e saberes ambientais.

Para abrir esta Edição Especial da *Revista Acta Scientiarum. Human and Social Sciences*, contamos com a preciosa colaboração de Andréa Osório e Flávio Leonel Abreu da Silveira (2024). Em seu artigo “Entrelaçamentos humanimais: selváticos e rurais em cidades brasileiras”, Osório e Silveira mergulham no debate antropológico contemporâneo e recuperam aspectos de seus próprios trabalhos de campo para debater sentidos plurais da presença e da participação de outros seres vivos na co-construção das paisagens urbanas. Desse modo, evidenciam em suas análises os entrelaçamentos expressivos com outros animais que compartilham e coabitam as cidades conosco. Assim, as histórias multiespécie que nos contam desafiam a ideologia e a simbologia das dicotomias fundantes do pensamento moderno – sobretudo aquelas dicotomias que insistem em opor ambientes construídos e naturais, existências domesticadas e selvagens ou contextos de urbanidade e ruralidade em favor de narrativas antropocêntricas de modernização das cidades e conservação dos ambientes naturais.

Osório e Silveira (2024) propõem, portanto, uma perspectiva ecológica que seja capaz de reconhecer as incontáveis maneiras pelas quais convivemos com outros seres e co-habitamos as cidades compondo as interações e as paisagens com vivências que aparentemente representam alteridades radicais de nossa humanidade. Tal reconhecimento, no entanto, não se refere apenas às interações imediatas que estabelecemos com outras espécies radicalmente diferentes da nossa. Exige também a reavaliação do modo como nos relacionamos com os mundos sociais em que vivemos. Afinal, como argumentam Osório e Silveira, as dinâmicas de ocupação e de compartilhamento multiespécie dos espaços urbanos estão borrando fronteiras historicamente construídas entre natureza e cultura e, assim, estão nos oferecendo a possibilidade de participar, com outra sensibilidade e atenção, da co-construção de paisagens mais inclusivas. Paisagens a partir das quais os laços entre humanos, não-humanos e sobre-humanos possam se manifestar em um processo co-criativo de convivialidade.

Em seguida, temos o prazer de apresentar outras quatro pesquisas que mobilizam entrevistas, relatos de campo e materiais etnográficos para analisar e testemunhar o envolvimento profundo de coletividades humanas com outras espécies, em particular cães, aves, serpentes, gado equino e bovino. A primeira delas, elaborada por Maria João Moreira, Susana Costa e Catarina Casanova (2024), enfoca cães treinados para auxiliar pacientes diabéticos. Intitulado “Paths shared between people (*Homo sapiens sapiens*) and dogs (*Canis familiaris*): from aid therapy partners to friends and family members”, o estudo de Moreira, Costa e Casanova demonstra como esses cães, inicialmente designados como cães de terapia, são percebidos e integrados ao cotidiano social de seus tutores em seus novos lares. Ao revelar os efeitos positivos desse convívio sobre a qualidade de vida de pacientes diabéticos e debater a transformação simbólica desses animais em amigos ou familiares, o artigo pontua a importância de se ultrapassar as fronteiras entre as espécies na compreensão de emergentes modos de composição de laços sociais.

Desse modo, a transição dos cães de terapia para posições relacionais mais íntimas, bem como sua importância para o senso de segurança e vulnerabilidade de seus tutores, são exemplos de fenômenos mobilizados por Moreira, Costa e Casanova (2024) para ressaltar a capacidade desses animais também estabelecerem laços afetivos profundos com humanos. Trata-se, nesse sentido, da percepção de que os agenciamentos compartilhados por cães e humanos em relação desafiam noções modernas de hierarquia e separação entre espécies e reposicionam os cães como parceiros e potenciais co-construtores de significados no contexto social vivido por seus tutores. Assim, Moreira, Costa e Casanova oferecem *insights* valiosos para o estudo das relações entre humanos e outros seres vivos ao desenvolver uma abordagem que considera a co-presença, a co-agência e o compartilhamento de experiências entre as espécies.

A pesquisa conduzida por Shirley Fernanda de Almeida Campos e Felipe Bittioli Rodrigues Gomes (2004) em Altamira e Brasil Novo, no sudoeste do Pará, insere-se nesse conjunto de esforços investigativos que tentam lidar com a densidade das relações multiespécie. Em seu artigo “A procura da caçada perfeita: a cultura da criação de curiós e as competições com o pássaro na Amazônia brasileira”, Campos e Gomes

registram e debatem a influência dos aspectos socioculturais na criação de aves silvestres como animais de estimação. A presença marcante dos curiós na vida de criadores dessa região amazônica revela relações de cooperação, domesticação, identificação e reciprocidade entre humanos e aves. Como demonstram em seu trabalho de campo, além de serem animais de estimação, os curiós representam uma conexão cultural, econômica e social profunda com o território vivido, com outras aves e com outros criadores, desempenhando um papel significativo para essa espécie na construção de uma comunidade multissituada de criação e de domesticação.

Por meio de entrevistas com criadores locais, Campos e Gomes (2024) observam que o curió figura como uma espécie proeminente na região, não apenas devido à sua estética ou ao seu canto, mas também pela notável capacidade de caçar outros pássaros após o treinamento. Esses curiós habilidosos são conhecidos como curiós-preseiros, sendo capazes de atrair e capturar suas presas com maestria. A descoberta de torneios de curió-preseiro também demonstra a profundidade dos desafios enfrentados na região, destacando a necessidade de se ampliar os estudos e os debates públicos sobre complexidade das disputas éticas e políticas em torno da preservação da tradição, do cuidado com o meio ambiente e do bem-estar animal. Desse modo, o estudo oferece uma visão panorâmica sobre intrincadas teias de interações entre humanos e aves, ressaltando a importância da compreensão dessas relações para a conservação da biodiversidade e o bem-estar das inúmeras formas de vida.

O artigo de Ronaldo Henrique Santana e Mário Cezar Silva Leite (2024), complementa esse conjunto de investigações empíricas sobre encontros multiespécie apresentados nesta Edição Especial ao oferecer relatos sobre o simbolismo da serpente nas narrativas e no imaginário de comunidades quilombolas do Complexo Quilombola de Mata Cavalo, localizado em Nossa Senhora do Livramento, no estado do Mato Grosso. Intitulado “Serpentes no imaginário popular no quilombo de Mata Cavalo”, o texto de Santana e Leite é fruto de uma pesquisa de doutorado conduzida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). A partir dele, os autores narram a serpente, um dos símbolos mais poderosos da humanidade, com base em perspectivas e vivências de moradores quilombolas.

Assim, a pesquisa de Santana e Leite (2024) fundamenta-se em abordagens interdisciplinares, especialmente nos estudos do imaginário popular, com o objetivo de compreender como a serpente é simbolicamente assimilada pelo imaginário popular dessas comunidades, descrevendo múltiplas facetas das relações culturais e históricas com esse animal. A pesquisa que originou o artigo entrevistou moradores quilombolas, privilegiando narradores reconhecidos pela comunidade, como benzedeiros, rezadeiras e curandeiros, que têm experiência direta com o controle de serpentes e as técnicas de cura para picadas de serpentes. Ao recuperar essas narrativas enraizadas na tradição oral e contejá-las com suas reflexões teóricas, Santana e Leite nos revelam a complexidade simbólica associada à serpente que se manifesta tanto no plano natural quanto no sobrenatural, destacando-se rituais de cura, rezas e práticas fitoterápicas como formas de enfrentamento e compreensão desse animal no contexto quilombola.

O artigo de Vander Velden (2024), intitulado “De veado a anta, de interdito à carne: A (re)classificação estratégica do gado entre os Karitiana no sudoeste da Amazônia”, adota uma abordagem etnográfica para explorar as relações dos Karitiana com animais previamente desconhecidos, como gado e cavalo, antes da expansão agropecuária em direção ao norte do país. Ele oferece duas contribuições originais e significativas ao debate. Primeiro, amplia nossa compreensão da formação das fazendas de gado e da expansão pastoril no Brasil, destacando a perspectiva indígena e evitando uma visão exclusivamente antropocêntrica ou moderno-ocidental do processo. Segundo, questiona a narrativa comum de devastação causada pelo gado e pelo cavalo, enfocando não apenas os animais em si, mas também a apropriação, o modo de produção e a violência do processo.

Além disso, Velden (2024) destaca que a introdução do gado nas áreas indígenas não se limita ao animal em si, mas também levanta questões sobre como os animais são pensados e classificados nos sistemas de conhecimento indígena. Baseado em uma experiência etnográfica de 20 anos entre os Karitiana, o artigo revela variações intrigantes em relação a registros anteriores, como a mudança no nome originalmente utilizado para descrever tanto gado quanto cavalos. Essa análise enriquece nossa compreensão dos mecanismos de negociação em face do “novo” ou “exótico” nos sistemas de conhecimento indígena e lança luz sobre as sutilezas entre as categorias de mito e história dos Karitiana e dos antropólogos, oferecendo uma reflexão profunda sobre os impactos de longo prazo dos “primeiros contatos” e as tensões associadas aos encontros com animais exóticos dos colonizadores.

O ensaio teórico de Marlene Rodrigues de Novaes (2024) dá continuidade a essas reflexões empíricas sobre as relações entre humanos e outros seres vivos ao propor um movimento de aproximação e confluência com a obra de Manoel de Barros. Em seu artigo “Para desver o mundo no Antropoceno: alteridades transespécies na geopoética de Manoel de Barros”, Novaes recupera ideias, estéticas e políticas que configuram a paisagem poética manoelina como caminhos de reeducação da atenção e de reavaliação de nossas relações com o mundo. Caminhos que apontam, em última instância, para a necessidade de desacelerarmos as agressões à vida na Terra. Nesse sentido, a poesia é tomada como uma linguagem que não apenas detém o potencial de descrever o mundo, mas também evoca e convoca a responsabilidade de transcender os limites impostos pelo pensamento cartesiano moderno e explorar as possibilidades infinitas que residem na imaginação e na sensibilidade humana.

O texto de Novaes (2024) concentra-se na ideia de desver o mundo. Conforme sugere Manoel de Barros, trata-se de um ato de desapego das concepções preconcebidas e de abertura para a multiplicidade de significados e experiências que permeiam as formas inesgotáveis da existência. Ao desver o mundo e a nós mesmos, somos incitados a desaprender padrões estabelecidos e a reimaginar relações com a natureza e com os seres que a habitam. Desse modo, Novaes aceita o convite de Manoel de Barros e dialoga com diferentes perspectivas teóricas contemporâneas em um exercício de tentar “transver o mundo”. Ou seja, lançar-se em um gesto reflexivo que indaga as possibilidades de emergência de outras perspectivas e conexões com o mundo que nos ajudem a cultivar éticas e responsabilidades engajadas com a preservação e o bem-estar do planeta.

O ensaio de Beto Vianna (2024) também sugere a necessidade de ampliarmos nossas possibilidades de compreensão da natureza das relações sociais ao propor uma abordagem teórica inclusiva que valorize os diversos seres com os quais compartilhamos um mesmo mundo biocultural. Em “Deriva social: a conservação do nicho coontogênico no espaço relacional da linguagem”, encontramos diálogos densos e profícuos com as noções de autopoiese e de dinâmica relacional dos seres vivos, propostas por Maturana e Varela na década de 1960, para re-admirar a ideia de deriva social enquanto um fenômeno coevolutivo que transcende as fronteiras entre as espécies. Desse modo, o convite de Vianna em seu texto direciona-se ao reconhecimento de que a conservação de um espaço relacional de vida depende da própria atuação dos organismos envolvidos nesse processo. O que nos faz entrever a multiplicidade e a plasticidade dessas teias de relações e adaptações que são caracterizadas pelo autor como nichos coontogênicos.

Nesse sentido, ao explorar as implicações da deriva natural com auxílio das reflexões de Vianna (2024), somos levados a reavaliar não apenas as narrativas tradicionais da evolução, mas nossa própria compreensão do lugar do humano no interior do tecido vivo da Terra. Em meio a esse movimento reflexivo, o autor direciona nossa atenção para o fenômeno da linguagem, entendido não como um sistema de símbolos, mas como parte integrante do movimento vital dos organismos. Conforme Vianna, seria a partir da compreensão dessa linguagem que conseguiríamos compreender como cada encontro inter ou multiespécie modula o curso das mudanças estruturais dos organismos em comunicação. Portanto, a deriva social, fundamentada na aceitação mútua e na coordenação de ações, revela-se como uma expressão dinâmica da vida em comunidade, na qual diferentes organismos conseguem se comunicar para participar ativamente da criação e manutenção de um ambiente propício à sua própria existência.

Por sua vez, o ensaio de Moisés dos Santos Viana e Rosane Meire Vieira de Jesus (2024), que encerra esse conjunto de reflexões teóricas acerca das potencialidades heurísticas de se considerar as múltiplas relações mais que humanas que co-constituímos com outros seres significativos em ambientes vitais, é o desdobramento analítico de uma pesquisa realizada entre 2014 e 2022 no Território do Sisal, localizado ao nordeste do estado da Bahia. Assim, “Nos emaranhados da experiência: anotações, rascunhos e imaginação para compreender o ambiente” representa um esforço de Viana e Vieira de Jesus em propor encaminhamentos teórico-metodológicos para que o trabalho de campo favoreça o reconhecimento da fluidez das inter-relações entre humanos e outros seres vivos. Nesse sentido, sua argumentação nos posiciona enquanto em relação à tessitura contínua dos organismos entre si e com os ambientes que os habitam, reivindicando certa urgência em empreendermos formas criativas e imaginativas de registro das experiências vividas no curso de nossas pesquisas.

Inspirados pelas perspectivas teóricas de Tim Ingold, Viana e Vieira de Jesus (2024) enfocam particularmente os modos de descrição e análise de variados encontros e agenciamentos entre habitantes locais e o ambiente semiárido que registraram em sua investigação no Território do Sisal. Como

argumentam, tal perspectiva holística e ecológica possibilitou a construção de novas representações gráficas das interações entre agências humanas e não humanas vivenciadas em campo que detém o potencial de apresentar as experiências e os saberes comunitários com e no lugar em que habitam. Desse modo, ao reconhecer a importância das relações entre humanos e não humanos na configuração do ambiente, Viana e Vieira de Jesus procuram estimular a construção de outros horizontes teórico-metodológicos para a compreensão e ação em contextos semelhantes.

O artigo de Rubén Gómez Soriano e José Carlos Loredó Narciandi (2024) conclui esta Edição Especial com um mergulho histórico e genealógico na vida e na obra de uma das mais influentes pesquisadoras russas da primeira metade do século XX, a bióloga Nadezda Nikolaevna Ladygina-Kohts (1889-1963). Intitulado “Crianza comparada pero no revuelta: el trabajo de Nadezda N. Ladygina-Kohts con el chimpancé Joni y el humano Roody”, o texto de Soriano e Narciandi recupera aspectos biográficos da trajetória dessa pesquisadora soviética para situar a proficuidade e a sensibilidade de seu trabalho experimental com chimpanzés em um contexto intelectual vibrante e multifacetado, caracterizado por profundas transformações políticas e sociais impulsionadas pela Revolução Russa de 1917, avanços significativos nos campos da psicologia comparada e da primatologia, bem como pelo crescente interesse acadêmico em se compreender a natureza da mente animal.

Como descrevem Soriano e Narciandi (2024), o trabalho meticuloso e perspicaz de Ladygina-Kohts envolveu uma abordagem multidisciplinar que combinava observação comportamental detalhada, experimentação controlada e certa sensibilidade para perceber a importância dos vínculos sociais e emocionais na realização de experimentos científicos. Assim, ela pôde estabelecer relações de proximidade e confiança com chimpanzés, especialmente com Joni, que lhe permitiram criar interações significativas e formas eficazes de colaboração na resolução de problemas e no aprendizado de conceitos abstratos. Além disso, como revelam os autores, Ladygina-Kohts integrou suas pesquisas etológicas aos debates emergentes da psicologia comparada, explorando as semelhanças e diferenças entre o comportamento humano e animal. Um movimento intelectual, como detalham Soriano e Narciandi, que lhe permitiria transitar pelos campos da etologia, da psicologia comparada e da antropologia desafiando noções modernas tão arraigadas quanto as que advogam sobre a suposta exclusividade ou superioridade cognitiva humana.

Esperamos, portanto, que a diversidade de artigos, temáticas e perspectivas apresentadas nesta Edição Especial possa estimular novos debates e contribuir para pluralizar ainda mais as maneiras de estudar e se relacionar, com presença marcante, outros seres na produção acadêmica das ciências humanas.

## Referências

- Castro, E. V. (2018). *Metafísicas canibais: elementos para uma antropologia pós-estrutural*. São Paulo, SP: Ubu Editora.
- Corrêa, D. S., & Baltar, P. (2020). O antinarciso no século XXI. A questão ontológica na filosofia e na antropologia. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, (123), 143-166.
- Ferdinand, M. (2022). *Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho*. São Paulo, SP: Ubu Editora.
- Ferwerda, S. (2024). Blue Humanities and the color of colonialism. *Environmental Humanities*, 16(1), 1-18.
- Haraway, D. (2016). Antropoceno, capitaloceno, plantationoceno, chthuluceno: fazendo parentes. *ClimaCom Cultura Científica*, 3(5), 139-146.
- Marras, S. (2014). Virada animal, virada humana: outro pacto. *Scientiae Studia*, 12(2), 215-260.
- Ogone, J. O. (2017). Epistemic injustice: African knowledge and scholarship in the global context. *Postcolonial Justice*, 17-36.
- Rapchan, E. S., & Carniel, F. (2020). Desigualdades entrelaçadas: figurações da animalidade no imaginário colonial-moderno. *Revista Latinoamericana de Estudios Críticos Animales*, 7(2), 278-303.
- Tsing, A. L. (2022). *O cogumelo no fim do mundo: Sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo*. São Paulo, SP: n-1 edições.